

FESTA NO MAR E NA TERRA

As Transformações Urbanas no 2 de Fevereiro em Salvador (BA)

Daniel Juracy Mellado Paz
PPGAU-UFBA
danielmelladopaz@hotmail.com

1. introdução aos eventos de rua

O que apresentamos neste artigo é um retorno ao estudo dos eventos de rua, a partir do esforço pioneiro do PEC - Plano de Estruturação Físico-Ambiental do Carnaval de Salvador – iniciativa liderada pelo falecido Prof. Manoel José Ferreira de Carvalho, entre 1999 e 2004, em convênio da Faculdade de Arquitetura da UFBA com a Prefeitura Municipal de Salvador. Em primeiro lugar, com *eventos de rua* nos referimos

[...]a uma área específica da cidade, ocupada temporariamente por uma dada população, sob rotina radicalmente distinta do usual e das adjacências, apoiada em uma estrutura física modificada a partir das construções preexistentes. (Paz, 2014)¹.

Da experiência do PEC, incorporamos os conceitos de *envoltórias e portais* (Carvalho, 2000). Para descrever eventos de estrutura mais difusa, partimos dos conceitos de *ocasião social, ethos e orientação* de Erwing Goffman (2010); de *necessidades e satisfatores* de Manfred Max-Neef (1991), e empregamos os de *forma do evento, atrações* e de *zonas de atrações* (Paz, 2014).

O evento escolhido foi o conjunto de festejos relacionados a Yemanjá, deusa das águas no panteão afro-brasileiro, que se comemora no dia 2 de Fevereiro no bairro do Rio Vermelho. Ao evento, por ora apenas os do Rio Vermelho nesse período, denominaremos doravante apenas *2 de Fevereiro*.

O 2 de Fevereiro é o maior evento relacionado à divindade, a forma atual com que a maioria dos devotos presta sua reverência à Mãe d'Água. Adeptos do candomblé de cidades do interior vêm à cidade, por ocasião dessa data. Em outras épocas, outros locais e festejos, sem a mesma proporção, tinham a graça dessa proeminência. Antes, o foco era na Barra

¹ Definição anterior, inaugural, é a que afirma que os *megaeventos de rua* são:

[...] atividades de natureza efêmera cuja realização impõe, invariavelmente, a ruptura da dinâmica urbana cotidiana de um lugar, do entorno, de toda a cidade, quando não da região. Congregam grande público, ocupando ruas, avenidas, praças, parques, praias e espaços abertos da cidade, com impactos na circulação de veículos, acessibilidade às edificações e, de modo geral, no padrão de desempenho dos serviços públicos e de infraestrutura urbana. (Carvalho, 2000).

(Souza, 1961), à Fonte de Mãe d'Água, situada ao lado do Forte de Santo Antônio da Barra, demolido há tempos. No séc. XIX, esse lugar se dava em Itapagipe (Querino, 1988).

O evento que estudamos nasce na vila de pescadores que depois deu origem ao bairro do Rio Vermelho, como uma missa a Nossa Senhora de Santana, padroeira daqueles pescadores, pela manhã, e a oferenda a Yemanjá pela tarde². Em muito pouco tempo perde sua feição católica, restando somente a devoção à orixá, apesar da crença ambivalente, e coexistente, dos pescadores (Lopes, 1984)³. Depois o evento irá se “*reafricanizar*”, deixando de ser uma iniciativa leiga, com o apoio dos *ialorixás* e *babalorixás* (os sacerdotes chamados de “mães-de-santo” e “pais-de-santo” respectivamente) de terreiros de candomblé⁴.

O 2 de Fevereiro é um herdeiro do complexo festivo que ocorria no veraneio nos arrabaldes da cidade, depois incorporados à tessitura urbana. No apogeu desse ciclo, no início do séc. XX, o 2 de Fevereiro era ainda atividade marginal, e o Rio Vermelho se animava seguindo outras datas, com outras festividades - como a de Nossa Senhora de Santana -, hoje em boa parte desaparecidas. O evento destacou-se do ciclo do veraneio, na medida em que este se extingue, com a expansão urbana e o fim do veraneio pela consolidação da vilegiatura em bairro. Aquele rico complexo de festejos se desfez e se concentrou em um punhado de festas que, por sua vez, há muito transcenderam o “largo” e se tornaram grandes eventos de rua, em um remanescente *ciclo de festas de largo*. O 2 de Fevereiro cresceu em porte e tornou-se o regente da devoção em toda a cidade. A festa profana também cresceu, a ponto de repetir a forma do Carnaval, por meio do trio elétrico, processo sustado quando de sua proibição em 1998.

Não há um calendário unificado no candomblé. Cada grupo religioso possui suas datas para cultuar a orixá. Sendo divindade relacionada com a faina marinha, cada colônia de pescadores tem sua própria agenda. Algumas coincidem a data com essa devoção que se agigantou; outros propositalmente evitam a coincidência para poder participar, como devoto ou como folião, naquela do Rio Vermelho. Daí que o 2 de Fevereiro acaba pautando as demais cerimônias e festejos do gênero.

² Um dos motivos da missa para Nossa Senhora se dava pelo dia 2 de Fevereiro ser dedicado a Nossa Senhora das Candeias, então celebrado com muita afluência em outras plagas da Bahia.

³ Fonte que julgamos a mais confiável no tema. Ele mesmo nascido no Rio Vermelho, dá nome aos protagonistas, que conheceu pessoalmente, incluindo suas alcunhas e apelidos prosaicos como José Gato Mia ou Alípio Capenga, este fundamental para a origem do festejo. Data os seus feitos e sobretudo descreve suas motivações, com a caracterização ambígua como são a dos seres humanos, e os percalços típicos da ação humana real.

⁴ Licídio Lopes fala de Júlia Bugar e Emília, do Língua de Vaca; depois de Catita, do Candomblé do Engenho Velho da Federação, e de Cipriano, que Lopes fala ser filho de Manoel do Bonfim, e responsável pelo “Candomblé do Bogum”. Aqui parece haver uma confusão. Manoel do Bonfim era responsável pelo terreiro Ilê Axé Obá Tadê Patiti Obá, próximo mas distinto do Terreiro do Bogum, o *Zoogodô Bogum Malê Rundó*, segundo Ordep Serra *et al* (2007).

As oferendas ocorrem por parte do povo-de-santo - os devotos de terreiros de candomblés e outros grupos religiosos que cultuam Yemanjá - e pelas colônias de pescadores, que sentem ali haver uma obrigação com a potência das águas. Assim, há um pequeno festejo, modesto pelos recursos e porte, nas colônias de pescadores da Pituba, assim como de Itapuã. Na Pituba, na colônia Z-1, e na colônia Z-6, em Itapuã, fazem-no no 2 de Fevereiro. Na colônia Z-5, também em Itapuã, no dia 9 do mesmo mês. Ao longo do Recôncavo Baiano, encontramos na ilha de Itaparica, por exemplo, no terreiro Ilê Omo Aboulá, no povoado de Ponta de Areia, também no dia 2 de fevereiro (Velame, 2008). E em Cachoeira, no domingo de fevereiro que antecede o Carnaval, em pleno rio Paraguaçu, na Pedra da Baleia (Velame, 2010).

2. A Orientação

A *orientação* do evento é dúplice: a Devoção e a Festa. Essa é uma característica central nas chamadas *festas de largo* baianas.

O binômio *sagrado-profano* não é uma antinomia: os ritos sagrados não são incompatíveis com as festividades. Não possuem caráter de constrição e penitência, nem é a transcendência dessa devoção algo que implica em uma imersão pessoal ou processos catárticos, ao menos para a grande maioria. É um tanto mais mundano. Existe um difuso bem-estar por presentear a deusa, cumprir o serviço e fazer parte desse grande rito coletivo. Como se vê, longe de ser incompatível com a festa. Mas, sobretudo, nos ritos do candomblé, aqueles do povo-de-santo, as danças, toques e instrumentos podem ser adaptados ou assimilados quase que integralmente na sua forma, ou pelo menos nas destrezas que desenvolvem e requerem, para a festa. E até desempenhadas pelos mesmos indivíduos. Assim, não apenas o sagrado é distante do profano, como tampouco o profano aparece como licenciosidade condenável. Estamos longe de uma antinomia conceitual amalgamada em um evento sincrético. Ao contrário, temos atividades de perfis distintos, mas comutáveis, e mesmo convergentes, reforçando-se mutuamente.

Os papéis correspondentes de *devotos* e *foliões*⁵ não são excludentes, apesar de claramente distintos. Um mesmo indivíduo pode agir como devoto até certo momento, e depois assumir o papel de folião, como ocorre não raro na Lavagem do Bonfim, onde muitos fazem o percurso a pé e se abstêm de ingerir bebidas alcoólicas até a benção e a água lustral; realizada esta etapa, entregam-se completamente à folia.

⁵ O que se entende por tais *papéis*, suas características, potencialidades e limitações, aparece em Paz (2013b).

São devotos e foliões os motores da festa, na medida em que também existe uma série de outros papéis – vendedores, policiais, bombeiros, catadores de lata, etc. –, abrangendo um grande contingente de indivíduos, que estão ali trabalhando, sustentando a devoção e o lazer de outrem, tributários a uma ocasião social claramente religiosa e recreativa⁶.

3. Necessidades

Essa população de devotos e foliões apresenta *necessidades* coletivas que, em larga escala, requerem estrutura física (temporária ou permanente) e serviços próprios. Estes desempenhados por sua vez por indivíduos (agentes públicos, comerciantes, etc.) com suas próprias necessidades. Na situação atual do evento, temos que as necessidades do público do 2 de Fevereiro são, basicamente: a higiene pessoal, o consumo, a diversão e a transcendência,

Quanto à *higiene*, esta se relaciona, sobretudo, às excreções e, destas, a urinária, maximizada pelo consumo excessivo de líquidos. Em especial a cerveja.

O *consumo* é majoritariamente alcoólico, embora parte importante seja também de alimentos. Rápidos (sanduíches, *hot dogs*, espetinhos, etc.), quando consumidos na rua; mais encorpados nas festas privadas, de clubes a rodas de amigos. Neste caso, é a tradicional *feijoada* (ainda que apenas nominal, ou minoritária), que se repete também em outras festas de largo.

A *diversão* relaciona-se com tal consumo, e com as atrações.

Não devemos menosprezar o papel do álcool. Não é raro que a Antropologia da Festa simplesmente oblitere a presença do álcool, tomando-o como algo periférico, mesmo constrangedor para uma análise “científica”, e enfatize trocas simbólicas, como se estas ocorressem sem o suporte e o incentivo da bebida⁷. A maior prova de sua centralidade nos eventos, públicos e privados, é que sua ausência compromete a manutenção dos mesmos. Ou ainda a importância capital do gelo continuamente abastecendo os vendedores de cerveja em eventos de rua. Sem o gelo – sem os caminhões estacionados, fornecendo-os, e sem a bateria

⁶ Já que participantes diferentes de uma ocasião social podem desempenhar papéis bastante diferentes, talvez fosse possível argumentar que o que é uma ocasião de prazer para um indivíduo pode ser uma ocasião de trabalho para outro, como no caso do convidado e do criado numa festa. Não obstante, não se justifica uma relatividade excessiva. Por maior que seja a diferença que os participantes possam sentir em relação a uma ocasião social passada, eles podem supostamente concordar sobre que tipo de ocasião eles estão falando. Além do mais, aquele que precisa trabalhar durante uma ocasião definida para o prazer ainda sabe que seu trabalho o localiza numa ocasião de prazer, e não numa ocasião séria, e o fato que isto ocorre é uma importante contingência do emprego para ele (Goffman, 2010, p. 30).

⁷A exemplo do Dossiê IPHAN n.6, registrado como Ofício das Baianas de Acarajé. Brasília, DF : Iphan, 2007.

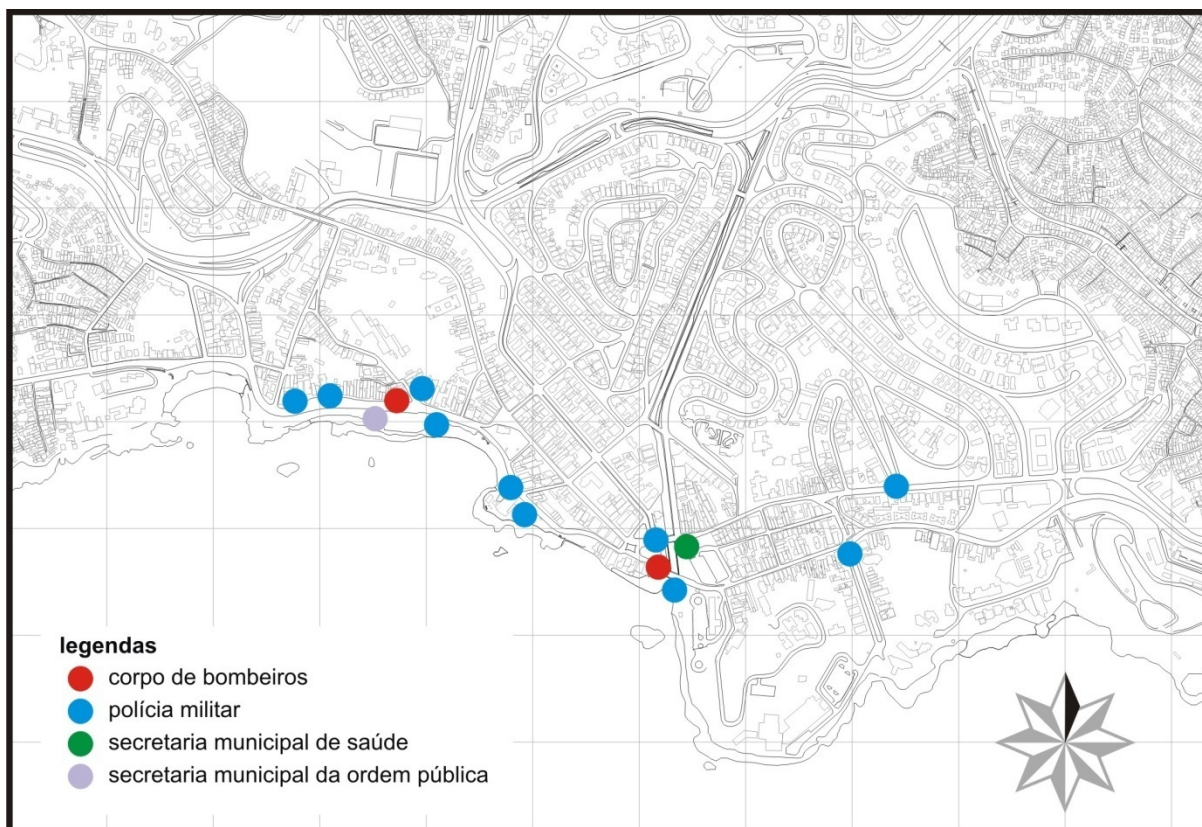
de trabalhadores que, a todo instante, a transportam em carrinhos ou sobre os ombros – o evento implodiria em questão de minutos. Essa oferta imprescindível facilita a socialização, enquanto, em grau crescente, exige a oferta de sanitários e, mais importante, aumenta a propensão a acidentes e conflitos, daí a necessidade de policiamento. O fato crucial é que há uma mudança global no comportamento a partir da ebriedade dos foliões.

Uma outra face que revela a importância do consumo ético são os patrocinadores. Com peso crescente no evento, adotam não somente arenas e mega-eventos desportivos, mas também os Carnavais, as Viradas do Ano, as festas de largo. Houve, em 2014, uma mudança singular na gestão. Para o Produto-Evento vender-se mais caro aos patrocinadores, a Prefeitura Municipal de Salvador garantiu que haveria exclusividade, isto é, o monopólio do produto dentro de um perímetro do evento. Isso implicou na procura clandestina por outras marcas – encarecidas nesse mercado negro – e, para coibir essa oferta ilegal, a construção de entradas físicas para controle de acesso por parte da Prefeitura. Que ensaiara esse novo arranjo na Virada do Ano do final de 2013, e depois no 2 de Fevereiro de 2014. Já em 2013 a empresa patrocinadora oficial do Carnaval de Salvador organizara, em certa medida, os vendedores ambulantes – a face visível do evento para o folião, ao nível da rua (Paz, 2013a), e, de fato, seus agentes, o ponto final da longa cadeia produtiva – com redes de apoios e recipientes padronizados. Em 2014, a mesma empresa deu um passo além, com farda e mobiliário próprio, padronizado, provavelmente a partir da exclusividade obtida por *manu militari*. A medida das entradas terá certa influência com o desenho global do evento. Importante é que essa situação se estabelece somente na medida em que a cerveja tem um papel essencial na dinâmica da Festa.

A necessidade de *transcendência* se realiza por meio de ritos religiosos vários. A ação é de breve execução ali; o que absorve a maior parte do tempo é a espera para poder realizá-la e, sem dúvida, os preparos específicos, que precedem o evento, nos devidos ambientes litúrgicos.

Esta gama de necessidades é satisfeita por uma *trama de serviços*, que se divide no presente caso em: *serviços públicos*, orientados para o bem-estar do folião (Fig.1); *comércio*, orientado para o lucro próprio, e *serviços sacros*, a obrigação do devoto com forças extraterrenas (orixás, espíritos, ou o Deus cristão), cada qual com sua exigência própria.

Figura 1



Distribuição dos serviços públicos temporários instalados no Rio Vermelho em função do 2 de Fevereiro.

Em situação normal o rol básico é o de serviços públicos e comércio privado (em alguns casos, serviços privados). Aqui, no entanto, parte do compromisso com os poderes extraterrenos é não apenas o culto, na relação direta com ele, mas algo feito em benefício dos demais, membros ou não do grupo religioso.

O atendimento a estas necessidades – higiene, consumo, diversão, transcendência – por meio de serviços públicos, comércio e serviços sacros acaba por plasmar uma infraestrutura que lhe é congruente, os *satisfatores* para tais *necessidades*⁸.

4. As Envoltórias e os Portais

Como o evento tem um *território* particular, que se destaca da tessitura usual da cidade, seguiremos de fora para dentro, a partir das sucessivas camadas delineadas pelas atividades, as *envoltórias*.

Em última instância, o evento repercute pela cidade especialmente a partir do tráfego, em ondas de choque que afetam outras áreas. E, de modo um tanto irônico, pelo

⁸Somente para efeito de contraste, é comum nos eventos da juventude – tais como encontros estudantis e *jamborees* do escotismo – haver uma *infra-estrutura do habitar*, com alojamento, refeições e higiene pessoal. Esse foi o problema do festival de Woodstock, em 1969: sua infra-estrutura – a trama de serviços – orientara-se somente para o *show*, e não para o habitar coletivo para uma multidão em plena zona rural.

esvaziamento de certas áreas usualmente repletas, em especial em um final de semana em pleno verão, como o Porto da Barra. Mas isto foge por demais ao escopo do estudado.

4.1. A Envoltória Exterior

A envoltória exterior, mais difusa, é análoga à que se detectou no Carnaval de Salvador (EMTURSA, 2002). Neste, se havia percebido uma área ao redor do evento em que se estacionavam os veículos e por onde vinham pedestres, merecendo reforço da iluminação pública, por exemplo. Aqui ocorre algo similar. Mas precisamos antes ver os *portais de acesso*.

O fluxo de pessoas que vão ao evento se concentra em alguns pontos, condicionados pelo relevo, traçado de quadras e vias e linhas de transporte coletivo. Em Salvador, esses acessos se reduzem ainda mais por conta da topografia de vales estreitos, com ocupação urbana irregular, sem conexões a intervalos regulares. A aproximação dos foliões se dá à maneira de um rio, encorpendo à medida que se aproxima do evento, com grandes incrementos nas paradas de ônibus mais próximas. Não raro terminais urbanos preexistentes operam como grandes alimentadores dos eventos, como o Cais de Santa Rita em Recife e a Estação da Lapa em Salvador nos seus respectivos Carnavais. No Carnaval de Salvador, ainda, se constituem terminais temporários, na mudança das linhas de ônibus, alimentando o evento. Isso ocorre em apenas um ponto do perímetro do 2 de Fevereiro – em retorno da Rua Oswaldo Cruz para a Rua Marquês de Monte Santo, defronte quase à 17ª Circunscção do Serviço Militar/ 1ª Delegacia do Serviço Militar.

Os pedestres vêm pelo litoral, a leste, pela Av. Oceânica. Esse fluxo converge com aquele que vêm pela Av. Anita Garibaldi, em especial por parada de ônibus próxima. Outra convergência acontece na R. Conselheiro Pedro Luiz, até por outra parada de ônibus próxima. Uma terceira, de fluxo expressivo, é a chamada Rua do Canal. E, por último, onde se encontram as ruas Oswaldo Cruz e Marquês de Monte Santo, confluindo aqueles que vêm a pé do populoso Nordeste de Amaralina, pela Ladeira do Nordeste, e as linhas de ônibus que fazem um retorno provisório e soltam seus passageiros em uma parada temporária.

Nessa última envoltória ainda aparece o comércio dedicado, de maneira rarefeita. E se caracteriza pelo estacionamento, locado e gratuito, legal e ilegal, e pelos impactos, muitas vezes severos, na circulação urbana.

4.2. O Perímetro Real do Evento

A envoltória seguinte é o *perímetro real do evento*, onde se demarca a diferença de cotidiano e de funcionamento físico da cidade. Assinala-se claramente por mecanismos de gestão pública, desta vez no transporte. A mudança no sentido das vias e no trajeto dos ônibus, com um terminal temporário, e controle de acesso de automóveis de moradores, assinala tal perímetro. Esse fluxo veicular que precisa dar a volta no evento, subitamente isolado da cidade – o *trânsito de contorno* – e a permissão seletiva de acesso veicular (para moradores, por exemplo) – o *controle de fluxo* – não são apenas indicadores do perímetro, mas são a garantia da própria realização do evento.

Outro indício claro, e não coincidente, é o *comércio* dedicado ao evento. Aquele constituído de vendedores ambulantes é o mais volátil e que, alastrando-se do centro e de pequenos pontos preferenciais (paradas de ônibus, as defensas da mudança de trânsito, canteiros centrais, entre outros) formam um *corredor de serviços* que recepciona o folião⁹. Aparece um comércio dedicado ao evento a partir de pontos comerciais existentes, também em uma área congruente àquelas dos ambulantes. Por último, há pontos comerciais novos, construídos temporariamente com folhas de compensado nas áreas públicas (calçadas e estacionamento), locadas para bares e lanchonetes dedicados ao evento, com o estandarte do patrocinador oficial do evento.

È neste perímetro real que aparecem os serviços públicos: elementos inertes e postos de funcionários dedicados ao evento.

Os sanitários – químicos e em *containers* – se concentram ao longo do eixo formado pelo Largo de Santana e o Largo da Mariquita, com unidades distribuídas principalmente ao longo do litoral, sem adentrar muito terra adentro.

Das instituições públicas imersas no evento estão o Corpo de Bombeiros e a Polícia Militar, e as Secretarias Municipais da Ordem Pública e de Saúde, e a Secretaria Extraordinária de Segurança para Grandes Eventos. Também o foco é a linha litorânea. As estações da Polícia estão distribuídas de modo mais regular ao longo da área do evento. Mas, importante, os PEOs - Postos Elevados de Observação, estão somente em um trecho do evento, na Rua da Paciência. As instalações das Secretarias, no entanto, estão em rincões onde existe área aberta livre para as edificações – Largo da Mariquita, e na Rua da Paciência.

Há uma tensão implícita na distribuição dos serviços públicos e das praças de alimentação temporárias. O que seria o ideal colide, necessariamente, com a condição física de usar os raros espaços abertos da cidade: praças, calçadas, canteiros centrais. O que se

⁹ Como ocorre no Carnaval de Salvador (Paz, 2013a).

entende como área de atuação é a faixa litorânea, entre o Pórtico situado à Rua da Paciência e o Largo da Mariquita. No entanto, nem sempre há área disponível. O Largo de Santana, um dos centros do evento, não possui área livre para instalar muitas edificações temporárias sem sacrificar a circulação dos pedestres e o próprio rito religioso. Área livre aparecerá no Largo da Mariquita e entorno, e ao longo da Rua da Paciência, nas calçadas mais largas e no entroncamento com a Rua Alexandre de Gusmão, bloqueada em função do evento.

Também nesta envoltória aparece um intento de decoração urbana: placas nos postes e pedaços triangulares de tecido branco e azul disposto como uma cobertura, atrelado também a postes. Mas postos na véspera, apenas cobriram um trecho da Rua da Paciência, sem maior pregnância no evento.

Assim, acompanha-se, dentro do possível, essa hierarquia concêntrica do evento, mas, no varejo, a distribuição depende da oferta de tais áreas.

Há uma certa tensão no perímetro real do evento. A infra-estrutura física, ainda que temporária, está “petrificada”; ainda que temporária, tem uma inércia. A mudança de tráfego, realizada de madrugada, inaugura a possibilidade concreta do evento. E retornará ao normal ao seu cabo, reinstalando a normalidade viária. Porém a ocupação do solo com o comércio volante, e mesmo com as adaptações locais, é volátil, assim como, evidentemente, a presença dos foliões. Nas primeiras horas do evento, o perímetro de serviços públicos e tráfego modificado é maior que o próprio evento, como que o abrigando; no seu auge, o evento transborda.

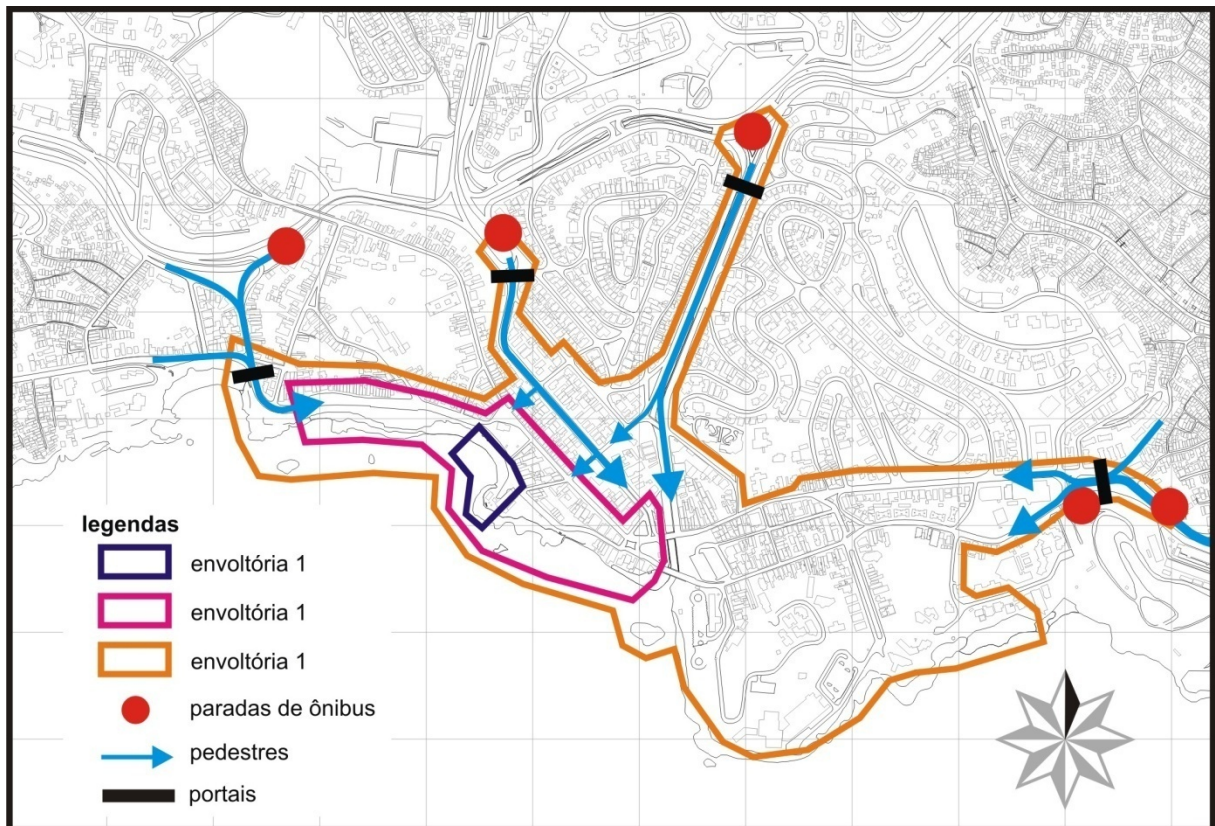
Assim, o perímetro real oscila.

Podemos falar em um *perímetro administrativo*, diante da área formada pelos quatro pórticos construídos pela Prefeitura, em algumas (não todas) das principais vias de acesso. A idéia central, a delimitação de um perímetro perfeito, não se deu. Esta envoltória seria um tanto “artificial”, visto que, embora seja um esboço simbólico, corresponde mais a uma necessidade imposta pela nova condição de financiamento do evento.

4.3. O Núcleo Original

Por último, há um foco primitivo que pauta o evento até certo momento, aglutinados na forma especial dos ritos religiosos em curso. Marca o início da festa e configura uma zona de atrações particular, de cunho religioso. Nas primeiras horas, possui uma envergadura estável: é o núcleo histórico do evento, de onde ele se irradia; é, também, o núcleo simbólico.

Figura 2



Identificação das envoltórias e acessos (portais e fluxos) no 2 de Fevereiro.

Mas as atividades que ali ocorrem também se expandem, espraiando-se pelo bordo marítimo – já que o objeto da devoção é uma entidade marinha. Daí que se irradia a partir da Casa do Peso (antiga instituição colonial que se tornou, na prática, em uma espécie de templo de Yemanjá) e seus rochedos, para a praia de Santana, até, em seu clímax, haver ocupado, com os ritos sagrados próprios, os rochedos fronteiriços à Praia da Paciência e aqueles da foz do rio Lucaia. Apesar da importância simbólica, não corresponderá ao foco em termos de densidade; será, sempre, um dos lugares mais densos. Outros lugares ganharão centralidade. Nem será o último lugar a esvaziar-se, como se verá.

No entanto, as envoltórias não bastam para descrever o 2 de Fevereiro. Como dito antes, o evento não tem uma centralidade e camadas concêntricas.

5. As Zonas de Atrações

O 2 de Fevereiro não tem uma *forma* geral, clara e nítida, nem uma composição de atividades igualmente claras que se concatenem em uma programação. Daí empregarmos o

conceito de *atrações*, performance presencial ou mecânica que aglutina as pessoas, que descreve as atividades moleculares que foram identificadas no evento (Paz, 2014).

No núcleo histórico do evento há uma série de atividades que lhe dão a tônica imagética: a Alvorada, a fila dos presentes, o cortejo ou procissão marítima, e a multiplicidade de pequenos rituais religiosos que são homogêneos à distância - no colorido, nos toldos, no perfil da atividade.

Uma observação preliminar. Os eventos de rua se dão nas ruas. Mas é preciso detalhar. Uma corrida de *stock car*, como as que ocorrem desde 2009 no Centro Administrativo de Salvador, ocupa o leito carroçável, e loca os espectadores nas suas laterais e canteiros. Corridas similares, como o Grand Prix de Mônaco, reforçam o caráter veicular das vias e estabelecem sua operação de modo rigoroso. Em maratonas, são os corredores. No que chamaremos de *desfiles*, a rua é passarela de carros alegóricos e similares que fazem um percurso para serem vistos por uma platéia à margem do circuito. Distingue-se do *cortejo*, onde qualquer um pode agregar-se ao conjunto de pessoas que estão fazendo o percurso (Carvalho, 2000). No desfile, há distinções funcionais claras, que se materializam em sua distribuição segregada no espaço; no cortejo, as funções são ambíguas e suas fronteiras, incluindo as físicas, permeáveis. Nas festas de largo é o folião é quem ocupa o leito carroçável. E, não raro, as calçadas – lugar do pedestre no cotidiano – se vêem ocupadas com o comércio e serviços do festejo (Paz, 2013a)¹⁰.

É a terceira envoltória identificada, considerada em ordem concêntrica, o perímetro real do evento, o significativo. Os serviços se distribuem de forma irregular, como também as atrações e o público, em mútua realimentação.

Algumas atrações são pontuais e breves, galvanizando por um momento um raio limitado; como rodas de capoeira ou de samba. Outras são um pouco mais duradouras, com maior estrutura física e entorno de influência, a exemplo dos pequenos palcos com bandas, *disc-jockeys* ou som mecânico puro e simples montados a partir de estabelecimentos comerciais da região. Estes possuem um *ethos* próprio e um caráter auto-seletivo: os presentes se solidarizam com esse tipo de atração, distanciando-se de outros perfis que lhe desagradam e, esse ambiente formado pelo público, é, ele mesmo, um fator de atração ou rejeição de pessoas. Daí advém uma certa homogeneidade nos públicos das distintas atrações. As atrações

¹⁰ No Carnaval de Salvador há uma tensão entre esses formatos. Os blocos com corda operam como desfile, separados pelas cordas e seus funcionários, os cordeiros; os blocos sem corda operam como cortejo, buscando aglutinar os foliões fortuitos. E, no intervalo, os foliões percorrem livremente as vias. A tensão existe pela rápida alternância entre os formatos, e pelo exíguo espaço remanescente adjacente à rua.

podem se aglutinar em *zonas* próprias onde, sem o predomínio de uma atração em particular, ainda assim aparece um perfil próprio.

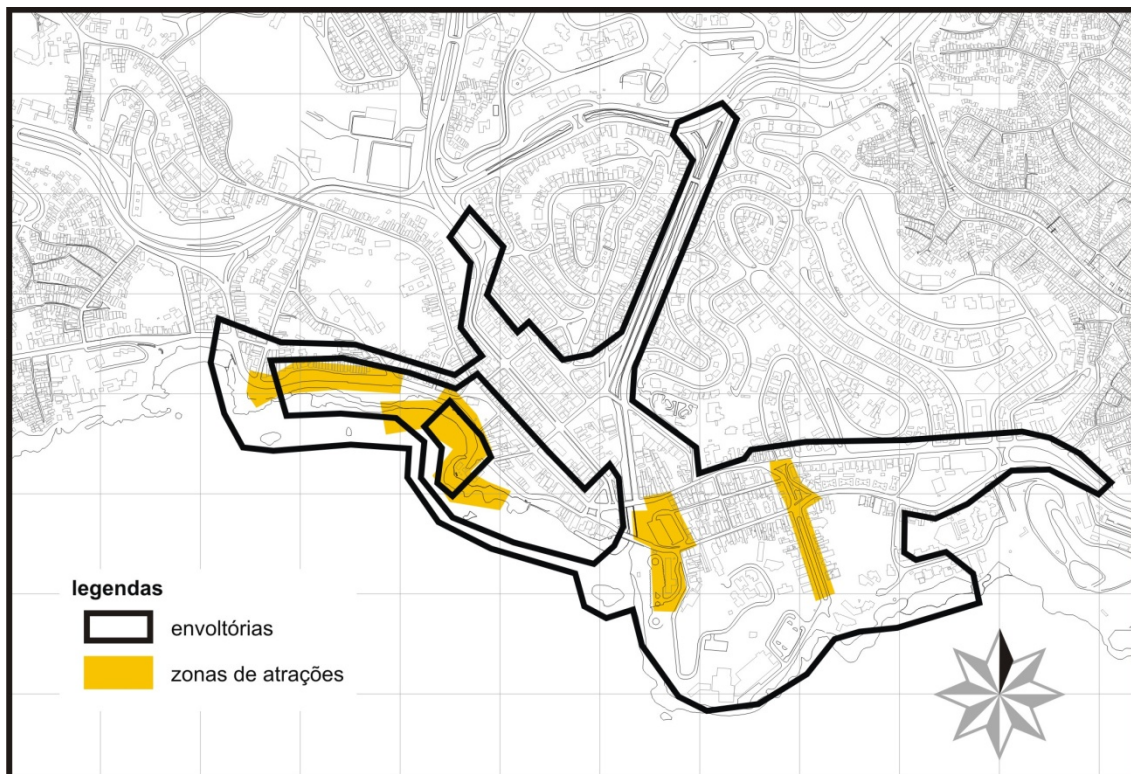
Existe uma concentração dos ritos religiosos em torno da Praia da Paciência, e no litoral rochoso próximo, que é epicentro simbólico do evento, que não dita a estrutura de toda a área, nem permanece pelo dia inteiro. Isto não depende das atrações diretamente, mas sim de *fatores ambientais*, relacionados objetivamente aos aspectos talasso-litorâneos dos ritos religiosos em questão.

Há outras três zonas de atrações. Uma delas é o Largo da Mariquita, que coincide com a oferta do maior estoque de sanitários, e com expressivas instalações de Secretarias. É onde está, também, a maior bateria de bares e lanchonetes efêmeros. Aqui não há coincidência, mas sim uma relação de causa e efeito. Este conjunto de bares, somado ao existente Mercado do Peixe, são pródigos no uso de som mecânico próprio para atrair clientes. O Largo da Mariquita é, também, um nexos fundamental de circulação, convergindo o acesso pela Rua do Canal e pelas vias que vêm de leste.

A outra zona de atrações, nesse sentido, está no eixo que alinha a Praça Brigadeiro Faria Rocha e a Rua Fonte do Boi. São estabelecimentos maiores os responsáveis, por meio de *shows* de bandas abertos ao público. Esta última rua dá acesso a hotéis. Acaba por se configurar uma área à parte do 2 de Fevereiro, com um comércio e mesmo brinquedos instalados no canteiro central. Tem tranquilidade bem-vinda para famílias com crianças.

A última zona de atrações é a Rua da Paciência, adjacente à Praia de Santana, sustentada pelas casas noturnas, também com *shows* gratuitos, de bandas e DJs (Fig.3).

Figura 3



Identificação das zonas de atrações nas envoltórias do 2 de Fevereiro. Observe-se que não coincidem com a sucessão concêntrica das envoltórias.

6. As Fases do Evento

O evento se articula nas zonas de atrações, que não seguem sincronicamente.

Cada situação possui uma estrutura comportamental interna, com um ápice de empolgação de sua população, o aumento do grau de embriaguez geral e o cansaço, e o derradeiro momento de “ir-se embora” um dado da subjetividade que, coletivizada, se traduz em um dado objetivo: o *esvaziamento*. O mergulho nessas situações foge ao escopo deste trabalho. No entanto, o fenômeno do esvaziamento é algo crucial para a descrição da polifonia do evento.

Podemos afirmar que existem duas fases, duas feições. Uma que se inicia, oficialmente, com o amanhecer, na Alvorada, e que, minguando, desaparece às 9:00h, engolida pela outra, que lhe ultrapassa em muito em número de participantes. Seriam, em princípio, a Devoção e a Festa.

Ou seja, há uma alteração da orientação geral do evento.

6.1. A Devoção

Nessa primeira parte do evento predomina o aspecto pitoresco, gravitando em torno de uma liturgia um tanto plural, de grupos religiosos de procedência diversa atuando na faixa de areia da praia e na calçada imediatamente acima, e do ritual em torno da Casa do Peso, que dá a pauta desse primeiro momento.

Aqui cabem explicações indispensáveis para o entendimento da festa.

A devoção a Yemanjá é plural até no significado que a entidade possui para os diversos grupos religiosos: a orixá do culto nagô tem um papel particular nos cultos umbandistas, por exemplo.

De qualquer forma, existem três grandes formas de devoção que se instauram no espaço: pela oferenda no barco dos pescadores da colônia, pelas oferendas particulares em alto-mar e pelas oferendas nas ondas da praia.

Existem ainda formas pontuais. Uma delas é a entrega de presentes aos pés da estátua de Yemanjá, na casa que lhe guarda, ao lado da nova Igreja de Santana, com uma fila bastante menor. Outra é a deposição de velas em nichos na base da contenção da mesma casa. E ainda *ebós*, alimento oferecido aos orixás, deixados nas pedras, presentes desde o dia anterior.

Em um grau menor, oferendas podem ser lançadas diretamente às ondas. Ou na faixa de areia ou nas pedras, como acaba por acontecer. Estas, espaço vazio em todo o ano, se tornam *loci* privilegiado, coalhando de pessoas, já às 09:00h. Essa ocupação foi facilitada, neste ano, pelo regime das marés. Com preamar na madrugada, nesse momento estava na baixamar, revelando grande extensão.

Cada grupo religioso instala-se na praia, com seu toldo próprio, e mesmo tablados de madeira que lhe permitirão realizar seus ritos próprios, como as danças.

A oferenda no barco dos pescadores tem uma presença ostensiva, na forma de uma fila desmesurada que se forma desde as 6:00h, e atinge às 8:00h uma extensão que permanecerá constante ao longo do dia (com quase 500 metros lineares). Essa fila ocupa uma parte expressiva da festa, seccionando os movimentos, concluindo em caramanchão de madeira montado pela colônia de pescadores Z4. Situado ao lado da nova Igreja de Santana, o caramanchão foi iniciado entre o dia 29 e 30 de janeiro, ao lado da Casa do Peso, onde uma ialorixá conduz o rito principal, iniciado na Alvorada, quando chega o presente principal dos pescadores. Ali os presentes particulares – daqueles que enfrentam a fila – são reunidos e levados em barcos para alto-mar, às 16:00h, em um cortejo marítimo, onde, junto com outras embarcações, alcançam um número estimado entre 300 e 350 naus.

As oferendas particulares a lançar em alto-mar são razão do constante movimento dos barcos, partindo e retornando ao longo do dia, para aquela Praia de Santana. O serviço é pago; daí a presença de lanchas e barcos na franja da praia, em disputa ávida pelos fiéis.

O porte das oferendas varia. Há aqueles que aprontam cestos, os *balaios*, com as oferendas, ou fazem navios em miniatura, de madeira. O mais simples são as flores, modestas, lançadas às águas das pedras.

Deve-se anotar que um grupo pentecostal vai em direção oposta. Entendendo que a Festa se fundamenta em um culto animista e fetichista, oferecem, nas imediações do núcleo do festejo, mas dentro do perímetro geral, *água*. Água como alívio material, gratuita, e como símbolo da oferta e do renascimento em comunidade cristã, em especial pela figura do batismo. Circulando, fazem proselitismo com faixas. Tentam, assim, fazer a pescaria de homens no próprio coração do pecado.

Há ritos litúrgicos, com sacerdotes e preliminares, pulverizados em cultos os mais diversos e desiguais. Há, no entanto, aqueles ritos realizados sem tamanha intensidade e, sobretudo, formalidade. Eles traduzem uma crença difusa na transcendência, com a aceitação de ritos ecléticos e simplificados, de usança generalizada, à maneira dos brindes com vinho espumante e pulos nas ondas nas festas de Ano-Novo. No presente caso, a oferta da flor como parte de uma obrigação pessoal, e mesmo um hábito. Há, por último, aqueles que fazem a oferenda para comungar com as tradições da Bahia, por meio do cumprimento de um rol de ações mínimas obrigatórias.

Os festejos sagrados têm um começo oficial, com a Alvorada. De qualquer jeito, iniciam-se as filas – para o barco dos pescadores e para a Casa do Peso, a partir das 4:00h da manhã, pelo menos, assim como já há gente na praia, embora em número reduzido. Após a queima de fogos aos primeiros raios de sol afluem os devotos e curiosos. Paulatinamente cresce o número de pessoas a realizar as oferendas. São a quase totalidade dos presentes. Há fogos de artifício a intervalos, em uma intensidade muito menor do que foi a Alvorada. Caracterizam os devotos a roupa branca e azul.

Nem todos trazem de casa ou de seus templos os presentes; muitos vão e compram no local, o que desde o dia anterior movimentava um peculiar comércio. O principal artigo são flores, mas também se vendem colares, perfumes, estatuinhas, barcos decorados em miniatura. Até 9:00h, este é o comércio de rua majoritário.

O principal meio de alimentação é o *mungunzá*, comida típica feita a base de milho e vendida em tambores metálicos em carros também metálicos. Esse produto é o

usualmente oferecido em Salvador nas primeiras horas da manhã para trabalhadores, como peões de obra e mesmo taxistas. Importante é que esse produto decairá nas horas seguintes.

Os vendedores de água, refrigerante e cerveja se instalam. Alguns já estavam em ação desde a noite anterior, sábado, um dia com intensa atividade noturna no bairro, que é o pólo boêmio da cidade.

A bênção – um misto de frases invocando boa sorte e proteção extraterrena, respingos de alfazema e “banho” de pipoca e arroz – é um serviço que ocorre nas imediações da Casa do Peso, de modo gratuito. O beneficiado pode doar algum dinheiro, de acordo com sua preferência. Essas bancas estavam instaladas e em atuação desde a véspera. Igualmente cedo, e igualmente no dia anterior, se inicia a venda de chapéus.

Durante esse período, existem atrações de pequeno porte na praia e proximidades, e que dão o colorido ao evento: liturgias singulares de terreiros de candomblé, umbanda e outras filiações espiritualistas, em sincretismos religiosos inauditos, com toques de percussão próprios e danças, não sem indumentárias vistosas. Grupos tocando samba de roda, ritmo e folguedo que se organiza em rodas, atraindo os interessados. Como também grupos de capoeira, também em formação circular, exibindo seu jogo.

6.2. A Festa

A mudança do perfil geral do evento é nítida, mas não súbita. Se dá com a saída progressiva daquele primeiro público, até porque composto também por pessoas de idade mais avançada, e a chegada de outro. E com a instalação daquele comércio de rua que atenderá à festa profana.

Existe uma transformação que guarda analogia com a metamorfose da pupa em imago, em certos insetos. Aqui, existe uma substituição celular, e não uma metamorfose célula a célula. As células *imaginais*, do futuro imago, são poucas enquanto pupa. Crescem, então, até ganharem predomínio. De maneira análoga, o comércio da devoção se instala e já funciona na véspera, quando já há oferendas. Também neste 2014 se instalou o que seria o comércio de rua da festa nos dias anteriores. As maiores estruturas – as lanchonetes das praças de alimentação temporárias – são montadas dias antes. O comércio ambulante, ao contrário, se instalará na madrugada. Algo dele funcionou na noite anterior, porque este ano coincidira com o final de semana, e atendera, no sábado, a rotina boêmia do bairro. Nas primeiras horas do dia 2 estavam em *stand by*, entrando em cena quando o perfil profano do evento emergiu.

Por um certo tempo – das 9:00h às 11:00h – o público que está relacionando à devoção diminui proporcionalmente frente às levas de novos participantes, estes sim foliões no sentido da palavra.

Certos ritos religiosos não desaparecem; alguns até mesmo se expandem. Mas tornam-se laterais diante da envergadura da festa.

Vale destacar a ocupação de uma área normalmente desprezada: os rochedos da praia, e mesmo a faixa de areia. É tamanha a desimportância usual que se encontra arruinada – contenções erodidas, escadas destruídas – sem que ninguém tome por falta. Na verdade, diante da precariedade e mau estado do lugar, qualquer beleza que haja na festa é de inteira responsabilidade das multidões.

Os rochedos da Praia de Santana e parte da Paciência estão tomados às 9:00h. Às 16:00h, até mesmo os rochedos da foz do rio Lucaia na Mariquita, foram tomados por devotos, aqui já dentro de outro ciclo. Na Praia do Buracão, que se segue à foz do Lucaia no sentido leste, a 1 km da Praia de Santana, havia gente lançando oferendas às águas. A faixa de areia, na Praia de Santana, estava bastante ocupada às 10:30h, e absolutamente coalhada de gente em 16:30h. Crucial é que a faixa de areia, por apinhada que estivesse, era sempre um terreno mais tranqüilo que as ruas acima, muito provavelmente pelo perfil das atividades majoritárias ali. Um dado fundamental é o desnível entre praia e rua. Por um lado, essa descontinuidade garante certa reserva na praia. Permite que subsista uma atmosfera religiosa vizinha do alarido de uma festa de largo no seu auge. Por outro lado, a conexão com a praia, por meio de escadas e de um talude, acaba por criar gargalos de circulação.

Se a roupa branca era o indicador de um tipo de devoção, a desaparecimento dessa indumentária, por volta das 13:30h, demonstra a mudança substancial da natureza da festa.

Em sucessão, há mudanças significativas no comércio de rua. Cresce a venda de cerveja, em velocidade exponencial. Irrompe a venda de óculos escuros. Aparecem alimentos característicos de festas urbanas, como cachorro-quente, churrasquinhos, queijo coalho, amendoim e amendoim torrado. As baianas do acarajé, com todo o seu aparato, terminam de se instalar. Aparecem, ainda, carros de pipoca, e mesmo produtos de público infantil, a partir das 11:00h, como algodão-doce e cata-ventos. Carros de sorvete e mesmo bebidas energéticas são vendidos. Neste momento, a festa perde suas particularidades, e torna-se muito semelhante a qualquer outra festa em Salvador. É tal a correspondência entre os produtos e a festa que podem ser tomados como indicadores da etapa em vigência.

Não somente modifica-se o perfil dos produtos vendidos, como também sua área de atuação. O corredor de serviços vai, simultaneamente: especializando-se naqueles produtos mencionados, e também se estendendo e adensando-se e. Às 10:00h já se espraíam os vendedores em sua extensão máxima, alcançando as paradas de ônibus que descarregam os foliões ao evento. Esse adensamento se dá preenchendo as lacunas, consolidando a ocupação linear, e por “engordamento”, duplicando as filas, por meio da ocupação das calçadas e dos canteiros centrais.

No 2 de Fevereiro a feijoada comparece como almoço preferencial oferecido por pequenos restaurantes, e é o mote culinário ostensivo das festas particulares. Também comparece na Lavagem do Bonfim, como alimento em torno da qual se aglutinam famílias e amigos nas casas, logo após a bênção.

O seu ápice se dá entre as 13:00h e as 17:00h, período em que a caminhada é muito difícil no perímetro real do evento, e o apinhamento chega ao seu máximo.

As zonas de atrações entram em ação em momentos diferentes. As zonas da Rua da Paciência e da Fonte do Boi serão mais tardias, e terão ainda vôo próprio, quando da dissolução do evento como um todo, deslocando-se o foco, de certa maneira, do ponto original, na Praia de Santana, para sua periferia.

6.3. A Dissolução

Não há um final formal, ou algo que possa ser entendido dessa maneira – como ocorre no Carnaval de Salvador, onde o evento se encerra com episódios específicos¹¹.

Na faixa de horário das 18:00h começa a dar-se o esvaziamento.

Às 20:00h, quase mais nada restava do evento, em aberta dissolução. As últimasavas voltavam para casa. Um ou outro bar permanecia aberto, com alguns poucos clientes. As principais praças do Rio Vermelho, vazias.

Naquele momento, findava a atividade no Largo da Mariquita. As outras duas zonas de atração – Rua Fonte do Boi e Rua da Paciência - se mantinham, embora esgarçadas, com focos pontuais. Na Rua da Paciência, os *shows* gratuitos encerraram-se às 23:00h.

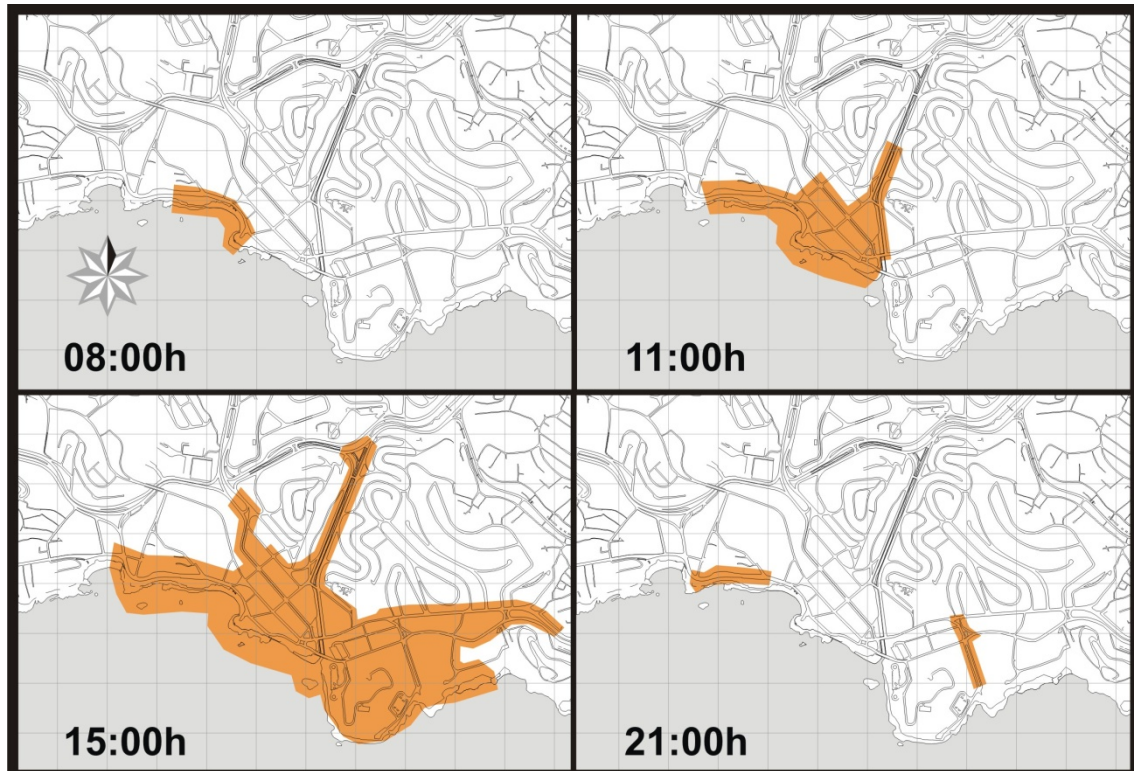
Em ambos os casos, a atividade era diretamente patrocinada por estabelecimentos que se orientam para atividades culturais no cotidiano usual. Na Rua da Paciência, por estabelecimentos da rotina boêmia do bairro. O público presente era congruente com seu

¹¹ Por enquanto indissociavelmente relacionado com astros do *show business* local: o Arrastão de Carlinhos Brown, a Madeirada de Ivete (Sangalo).

público-alvo costumeiro. O perfil das atrações era igualmente afim com seu perfil de atividade.

A persistência dessas duas zonas de atrações, na periferia da terceira envoltória – o perímetro real do evento – comprova que não é o foco original o que determina a existência da festa, pelo menos nos seus estertores; as zonas de atrações possuem vida própria.

Figura 4



Variações do perímetro real do 2 de Fevereiro ao longo do dia, em horas específicas.

7. Descontinuidades Temporais e Espaciais

O 2 de Fevereiro em sua orientação geral não se limita ao território contínuo do evento, nem ao dia específico: estes são o lugar e momento de sua realização mais intensa.

No entanto, existem pelas partes anteriores e posteriores ao 2 de Fevereiro. Os ritos religiosos estruturados são cadeias mais longas que a simples oferenda pública, no bairro ou em alto mar, nesse dia. Requerem um preparo anterior, e, em muitos casos, uma *oferenda anterior*, a outra entidade relacionada - Oxum, a orixá das águas doces -, que ocorre no Dique do Tororó durante a madrugada do dia 2.

Aqui se abre um aspecto metodológico fundamental. O evento ganha expressão em um local, em um momento, mas possui etapas prévias, privadas e mesmo públicas que podem, embora com menor intensidade, “ativar” áreas da cidade¹².

A outra série é a das oferendas que ocorrem nas praias do Rio Vermelho. Dias antes, e dias depois, aparecem oferendas nas areias e nas pedras. Inclusive a uma semana depois, no dia 9 de fevereiro, com o povo-de-santo realizando seus ritos durante a manhã, nas areias da Praia de Santana.

São a contraparte discreta, e mesmo privada, do evento público e ostensiva, como a face oculta da lua, de registro mais difícil e que, rarefeita, não configura um fenômeno coletivo como são os grandes eventos de rua.

8. Conclusão

Para além do pitoresco, ainda presente, e do elogio antropológico da Festa em geral, o que temos é um fenômeno urbano notável. Por um lado, singular em data, local e foco, irradiado a partir da oferenda a uma divindade de origem africana, em um bairro que fora, século atrás, uma vila de pescadores. Mas, também, parte dos grandes eventos de rua de verão atuais de Salvador, como também etapa histórica do Culto à Mãe d'Água, presença relativamente nova nos eventos estruturantes do calendário soteropolitano.

O intento é entender sua necessária feição urbana e anatomia, e empreender o mesmo esforço nos demais eventos da cidade, articulando-os na série que de fato são, e averiguando a possibilidade de extrapolar o instrumental em desenvolvimento para outros grandes eventos de rua.

Referências

- CARVALHO, Manoel José F. 2000. *Termos de Referência do Plano de Estruturação Físico-Ambiental do Carnaval de Salvador*, Salvador, PMS/ EMTURSA.
- EMTURSA – Empresa de Turismo do Salvador. 2002. *Relatório de Trabalho de Campo do PEC – Plano de Estruturação Físico-Ambiental do Carnaval de Salvador*, Salvador, PMS/ EMTURSA.
- GOFFMAN, Erwing. 2010. *Comportamento em Lugares Públicos*, Petrópolis – RJ, Ed. Vozes.
- MAX-NEEF, Manfred A. 1991. *Human Scale Development*, New York, The Apex Press.
- LOPES, Licídio. 1984. *O Rio Vermelho e Suas Tradições: memórias de Licídio Lopes*, Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia.

¹²No Carnaval soteropolitano, por exemplo, é sintomático o papel do bloco Ilê Ayê, que abre o seu desfile na Ladeira do Curuzu, na Liberdade, atraindo foliões e admiradores, após pequeno percurso, se dispersa e se reaglutina agora no Circuito Osmar, do Campo Grande à Praça Castro Alves, na área oficial do evento. Assim, o evento pode ser *descontínuo*, no tempo e no espaço.

- PAZ, Daniel. 2013a. Já é Carnaval, Cidade. In: *Anais do Seminário Urbanismo na Bahia*, Salvador, PPGAU-FAUFBA/ Lugar Comum.
- PAZ, Daniel. 2013b. Uma Fisiognomia dos Lugares: um método expedito para a leitura dos usos dos espaços públicos. In: *Anais do XV Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional*, CD-ROM, Recife: ANPUR.
- PAZ, Daniel. 2014. A Forma do Transitório: aspectos metodológicos do estudo dos grandes eventos de rua. In: *Anais do III Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo*, CD-ROM, São Paulo, Universidade Presbiteriana Mackenzie e PUC-Campinas.
- QUERINO, Manuel. 1988. *Costumes Africanos no Brasil*, Recife, Fundação Joaquim Nabuco – Editora Massangana.
- SERRA, O. J. T.; PECHINÉ, Maria Cristina Santos; PÉCHINÉ, S.; MARTINELLI, Regina. 2007. *Laudo Antropológico do Terreiro Zoogodô Bogum Male Rundó*.
- SOUZA, Aurélio Ângelo de. 1961. *Nas Bandas do Rio Vermelho*, Salvador, Associação Atlética do Rio Vermelho/ Divisão de Cultura.
- VELAME, Fabio. 2010. A Meca Afro-Americana: A cidade de Cachoeira no Recôncavo Baiano. In: *Urbicentros - Morte e Vida dos Centros Urbanos*, João Pessoa, UFPB.
- VELAME, Fabio. 2008. Corpos Nômades: O Cortejo da Festa da Bandeira. In: *Corpo Cidade: Debates sobre Estética Urbana*, Salvador, EDUFBA.